

A PARTICIPAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES ESPORTIVAS NA MEDIAÇÃO DA COBERTURA JORNALÍSTICA DOS JOGOS PARALÍMPICOS DE 2016

THE PARTICIPATION OF SPORTS INSTITUTIONS IN MEDIATING THE COVERAGE OF THE 2016 PARALYMPIC GAMES

Silvan Menezes dos Santos¹
Josep Solves Almela²
Doralice Lange de Souza³

RESUMO

A midiáticação, a espetacularização e a mercadorização do esporte paraolímpico são processos em andamento e aprofundamento no século XXI. Inicialmente, o discurso midiático sobre esta manifestação esportiva recorreu ao sensacionalismo em torno das deficiências, sobrepondo a lógica da mídia à lógica do esporte. De uma maneira geral, esta é uma tendência do relacionamento entre a mídia e o esporte. Contudo, por meio do estabelecimento e desenvolvimento das assessorias de comunicação esportiva no interior das instituições gestoras do esporte, tem-se demandado uma busca por equilíbrio desta relação. No esporte paraolímpico, entidades gestoras têm produzido guias de orientações à mídia com o intuito de auxiliá-la na construção de um discurso que valorize a esportividade do atleta com deficiência. Neste sentido, diante da relevância social e midiática adquirida pelo esporte paraolímpico no Brasil com a realização dos Jogos Paralímpicos (JP) Rio 2016, o objetivo deste estudo foi compreender a participação das instituições esportivas paraolímpicas na mediação do processo de produção de notícias realizado por jornalistas esportivos brasileiros durante os JP de 2016. Esta pesquisa foi inspirada nos estudos de newsmaking e gatekeeping. Teve caráter descritivo e exploratório, com abordagem qualitativa dos dados. Entrevistamos 15 jornalistas e editores de diferentes grupos de mídia e jornais do país que cobriram o megaevento esportivo. A produção de conteúdo informativo, por parte das instituições esportivas por meio da permanente atualização dos seus sites e redes sociais, se configurou como forma potencial de garantir uma mínima qualidade e diversidade de informações sobre o fenômeno esportivo paraolímpico. Os serviços de fonte de informação institucional prestados para a produção de notícias sobre os JP

¹ Professor Adjunto dos cursos de Educação Física da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Pesquisador do Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva (LaboMídia/UFSC/UFS). E-mail: silvan.menezes@ufms.br.

² Professor da Faculdade de Humanidades e Ciências da Comunicação da Universidade CEU Cardenal Herrera. E-mail: pepesolves@gmail.com.

³ Professora Associada do Departamento e do Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná. E-mail: desouzdo@yahoo.com.

A participação das instituições esportivas na mediação da cobertura jornalística dos Jogos Paraolímpicos de 2016 - Silvan Menezes dos Santos; Josep Solves Almela; Doralice Lange de Souza – p. 235-261

apareceram como uma forma de contra tendência à sobreposição dos interesses midiáticos aos interesses esportivos. Entretanto, identificamos que, por vezes, as entidades paraolímpicas têm se configurado quase como editoras do conteúdo noticioso produzido, o que pode ser prejudicial para a veiculação de informações esclarecedoras e críticas acerca da manifestação esportiva.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia, Esporte, Jornalismo esportivo, Esporte paraolímpico, Assessoria de comunicação, Newsmaking.

ABSTRACT

The mediatization, spectacularization and commodification of paralympic sport are ongoing and deepening processes in the 21st century. Initially, the media discourse about this sporting manifestation resorted to sensationalism around the deficiencies, superimposing the logic of the media to the logic of sport. Generally speaking, this is a trend in the relationship between media and sport. However, through the establishment and development of sports communication offices within the sports management institutions, a search for balance of this relationship has been demanded. In paralympic sport, management entities have produced guidelines for the media in order to assist them in building a discourse that values the sportiness of athletes with disabilities. In this sense, given the social and media relevance acquired by Paralympic sport in Brazil with the Rio 2016 Paralympic Games (JP), the objective of this study was to understand the participation of paralympic sports institutions in mediating the process of news production carried out by Brazilian sports journalists during the 2016 JP. This research was inspired by the studies of newsmaking and gatekeeping. It was descriptive and exploratory, with a qualitative approach to the data. We interviewed 15 journalists and editors from different media groups and newspapers in the country who covered the mega sports event. The production of informative content by sports institutions through the permanent updating of their websites and social networks, has been configured as a potential way of guaranteeing a minimum quality and diversity of information about the paralympic sports phenomenon. Institutional information source services provided for the production of news about JP appeared as a counter-tendency to overlapping media interests with sporting interests. However, we found that sometimes paralympic entities have been almost the publishers of the news content produced, which can be detrimental to the transmission of enlightening and critical information about the sporting event.

KEYWORDS: Media, Sport, Sports journalism, Paralympic sport, Communication advice, Newsmaking.

INTRODUÇÃO

O esporte paraolímpico está passando por um processo de espetacularização e mercadorização, fruto da aproximação dele com a mídia. No primeiro momento, de acordo com Pappous *et al.* (2009), a midiatização do esporte paraolímpico ocorreu, predominantemente, de modo a estigmatizar os atletas. Ao direcionar o enfoque para as

A participação das instituições esportivas na mediação da cobertura jornalística dos Jogos Paraolímpicos de 2016 - Silvan Menezes dos Santos; Josep Solves Almela; Doralice Lange de Souza – p. 235-261

deficiências e para as histórias de vida deles, o sensacionalismo do discurso midiático se configurou como um obstáculo para a promoção da inclusão social das pessoas com deficiência por meio dos Jogos Paralímpicos (JP) (MARQUES, 2016). Todavia, embora a cobertura midiática do esporte paraolímpico tenha avançado em termos quantitativos e qualitativos (SANTOS *et al.*, 2019; POFFO *et al.*, 2017), alguns problemas existem em torno do assunto na visão de pessoas envolvidas e interessadas no fenômeno.

Existe um incômodo por parte de atletas com deficiência e paraolímpicos, bem como por parte de ativistas sociais ingleses que trabalham em prol das causas desse grupo, sobre alguns modos como a mídia veicula esta manifestação esportiva (MARQUES *et al.*, 2014, 2015; SILVA; HOWE, 2012). Há uma insatisfação, sobretudo, com o desconhecimento e a falta de preparo de muito dos jornalistas para retratar o esporte e os atletas paraolímpicos (FIGUEIREDO, 2019). Por outro lado, para alguns profissionais da mídia, os Jogos Paralímpicos são vistos como uma sub-representação esportiva, com pouca relevância social e baixo teor atlético e competitivo (GOLDEN, 2003; SOLVES *et al.*, 2018).

Instituições do esporte paraolímpico têm se mobilizado para buscar a qualificação da cobertura deste fenômeno esportivo. Um estudo de Howe (2008), por exemplo, identificou intervenções do Comitê Paralímpico Internacional (*International Paralympic Committee - IPC*) no processo de produção da cobertura jornalística dos JP de 2004, em Atenas. O autor destacou interferências da instituição para a não veiculação de determinadas pautas, como os casos de doping de atletas paraolímpicos e as polêmicas sobre as classificações deles nas modalidades esportivas. Com essa censura a entidade esperava proteger a imagem e o produto midiático-esportivo paraolímpico de modo a não o desvalorizar do ponto de vista publicitário.

Como exemplo desse processo de proteção à marca e ao produto, para o período de 2015-2018, o IPC tinha entre os objetivos do seu planejamento estratégico consolidar os JP como um evento "premier". A instituição esperava tornar os JP mais atrativos para o público e expandi-los para uma escala global, transformando-o em um espetáculo midiático de massa (INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2015).

No caso do Brasil, o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) tem promovido políticas de aproximação com mídias desde a sua criação em 1995 (MIRANDA, 2011).

A participação das instituições esportivas na mediação da cobertura jornalística dos Jogos Paraolímpicos de 2016 - Silvan Menezes dos Santos; Josep Solves Almela; Doralice Lange de Souza – p. 235-261

Inicialmente, o Comitê convidou e financiou a ida de jornalistas brasileiros para algumas edições dos JP (1996 – 2008). O intuito era ampliar a circulação do assunto no país. Junto a isso a instituição também comprou os direitos de transmissão dos Jogos e os liberou para emissoras nacionais. Da mesma forma, esta estratégia de compra ocorreu da edição de 1996 até a edição de 2008, pois em 2012, pela primeira vez de maneira espontânea, uma organização midiática adquiriu os direitos televisivos dos JP em âmbito nacional. Além disso, nesse período o CPB promoveu cursos de formação continuada para jornalistas sobre boas práticas para cobrir o esporte paraolímpico (MIRANDA, 2011). Nos últimos anos, a organização esportiva também tem mobilizado um esforço comunicativo de produzir conteúdo midiático de divulgação do esporte paraolímpico através das redes sociais, mantendo páginas e perfis atualizados diariamente⁴ (SANTOS; FERMINO, 2016).

De maneira geral, compreende-se que há uma relação de reciprocidade entre a mídia e o esporte, pois ambos se servem dos benefícios estruturais, simbólicos e comerciais que um pode fornecer para o outro, sobretudo no que se trata do alcance do primeiro e da visibilidade massiva do segundo (BETTI, 1998, 2001; PIRES, 2002; SPÀ, 1999, 2007). Entretanto, normalmente há uma sobreposição dos interesses e determinações do campo midiático ao campo esportivo, cuja situação se materializa na adaptação da linguagem, das normas, do tempo e do espaço do segundo para ser aceito pelo primeiro (SANFELICE, 2010). Um exemplo clássico disso é o processo de transformação do voleibol em uma modalidade esportiva midiaticizada, quando as suas instituições reguladoras mudaram regras do jogo para dar-lhe mais dinamicidade e velocidade de modo a se encaixar mais facilmente dentro das programações televisivas (MARCHI JUNIOR, 2001; MEZZAROBA; PIRES, 2011).

No caso do esporte paraolímpico, a recorrente adaptação do campo esportivo ao campo midiático tem se materializado pela tentativa de redução das classes em disputa dentro de algumas modalidades. Nesse imbróglio político-midiático entende-se ser necessário diminuir o tempo de algumas competições e o número de campeões de

⁴ Perfil do CPB na rede social instagram: <https://www.instagram.com/ocpboficial/?hl=en>. Página do CPB no facebook: <https://pt-br.facebook.com/ComiteParalimpico/>. Perfil oficial do CPB no twitter: <https://twitter.com/cpboficial?lang=en>. Página do CPB no flickr: <https://www.flickr.com/people/cpboficial/>. Acessos em: 19 dez. 2019.

A participação das instituições esportivas na mediação da cobertura jornalística dos Jogos Paraolímpicos de 2016 - Silvan Menezes dos Santos; Josep Solves Almela; Doralice Lange de Souza – p. 235-261

algumas provas. Alega-se que essas mudanças facilitaríamos o encaixe do esporte paraolímpico nas concorridas programações televisivas e ajudariam na transformação de ídolos esportivos paraolímpicos em heróis, atribuindo-lhes o caráter único e exclusivo para as conquistas. Entretanto, há uma correlação de forças internas nos comitês gestores do esporte paraolímpico que resistem a tais mudanças pautadas pela lógica midiática (MARQUES; GUTIERREZ, 2014). Nesse exemplo, portanto, podemos visualizar uma forma de mediação institucional do esporte paraolímpico no que diz respeito a seu relacionamento com a comunicação e com a mídia.

Aliado a tal cenário anteriormente descrito, após os JP Rio 2016, que pela primeira vez aconteceram no Brasil e na América do Sul, a manifestação esportiva paraolímpica ganhou destaque e espaço permanente em meios de comunicação de massa do país⁵. Ao considerarmos a eminência desse processo de midiatização do esporte paraolímpico no Brasil, a questão de investigação do presente estudo é: Quais as formas de mediação institucional das organizações esportivas paraolímpicas no processo de produção da cobertura jornalística dos JP Rio 2016? Nesse sentido, o objetivo geral foi compreender a participação das instituições esportivas paraolímpicas na mediação do processo de produção de notícias realizado por jornalistas esportivos brasileiros durante os JP de 2016.

MARCO TEÓRICO DO ESTUDO: A MEDIAÇÃO INSTITUCIONAL NA RELAÇÃO MÍDIA E ESPORTE (PARAOLÍMPICO)

A relação da comunicação com a cultura é tecida por múltiplas vias interlocutoras. Com a perspectiva de se ter uma matriz teórico-prática de interpretação desse relacionamento, Martín-Barbero (2009) desenvolveu o mapa das mediações culturais. O intuito foi desenhar uma cartografia constituída por pistas para entrever os meios, as mediações comunicativas das culturas e as suas diferentes formas de manifestação no contexto do *mass media* e do desenvolvimento tecnológico. O esporte, não diferentemente, como fenômeno sociocultural complexo (GALATTI *et al.*, 2018;

⁵ No globoesporte.com, por exemplo, um dos portais de informação esportiva mais acessado do país, o esporte paraolímpico ganhou uma seção específica para a veiculação de notícias sobre o assunto. Disponível em <https://globoesporte.globo.com/paralimpiadas/>. Acesso em: 3 jan. 2020.

A participação das instituições esportivas na mediação da cobertura jornalística dos Jogos Paraolímpicos de 2016 - Silvan Menezes dos Santos; Josep Solves Almela; Doralice Lange de Souza – p. 235-261

MARQUES; GUTIERREZ; MONTAGNER, 2009), é uma dessas manifestações da contemporaneidade passível de ser observada e compreendida por meio da cartografia barberiana (SANTOS, 2015).

Martín-Barbero (2009) elegeu quatro elementos como mediadores culturais. São eles a institucionalidade, a tecnicidade, a socialidade e a ritualidade. Essas mediações, segundo o autor, funcionam como o elo entre quatro dimensões constituintes da comunicação e da cultura, que são as matrizes culturais, as lógicas de produção, as competências de recepção e os formatos industriais (cf. Figura 1 a seguir). No caso deste estudo, como supracitado, o foco será na mediação institucional promovida pelo CPB na interlocução entre o esporte paraolímpico, como fenômeno sociocultural, e os processos de produção midiática, em específico, do jornalismo esportivo.

Figura 1 – Mapa das Mediações Culturais



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Martín-Barbero, 2009.

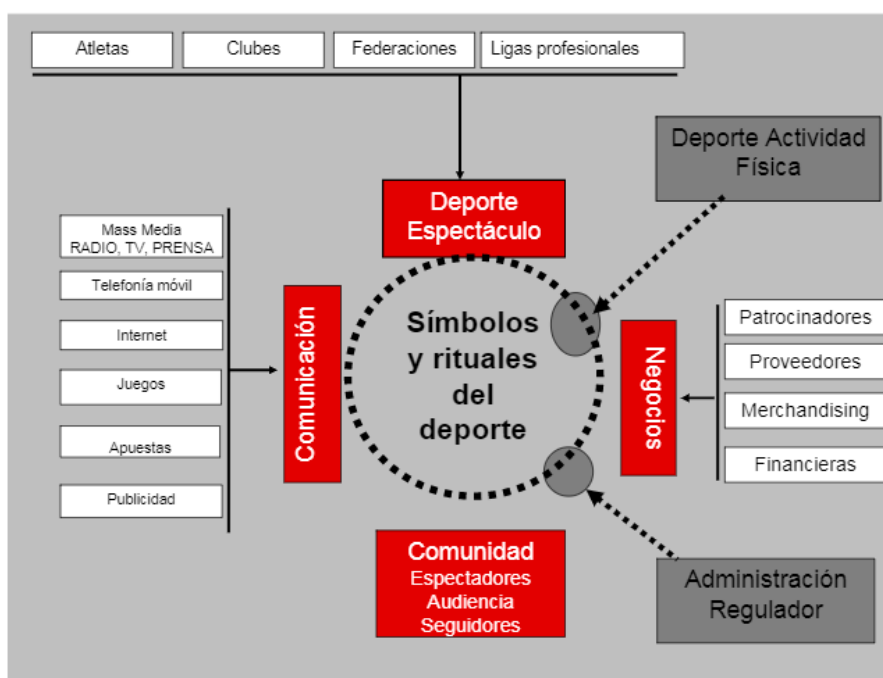
Para Martín-Barbero (2009, p. 18), “olhada desde a institucionalidade, a comunicação se converte em questão de meios, isto é, de produção de discursos públicos cuja hegemonia se acha hoje, paradoxalmente, do lado de interesses privados”. Nesses termos teóricos, então, temos indícios de controle de narrativas midiático-esportivas sobre o esporte paraolímpico, por parte de instituições burocráticas que o gerenciam, com o intuito de preservar interesses particulares financeiros acerca desse produto cultural (HOWE, 2008). Portanto, no presente estudo, partimos do pressuposto de que as mediações institucionais no âmbito do esporte devem ser compreendidas “[...]”

A participação das instituições esportivas na mediação da cobertura jornalística dos Jogos Paraolímpicos de 2016 - Silvan Menezes dos Santos; Josep Solves Almela; Doralice Lange de Souza – p. 235-261

pela representação da estrutura empresarial que serve de alicerce para a disseminação hegemônica da concepção econômica e ideologicamente globalizada do esporte-espetáculo, a dimensão do alto rendimento e dos grandes eventos esportivos” (SANTOS, 2015, p. 181).

É inegável a simbiose entre o esporte e a mídia no contexto contemporâneo da globalização econômica e da mundialização da cultura (BETTI, 1998; SPÀ, 1999, 2007; PIRES, 2002). A relação de ambos é estruturante do esporte espetáculo e esse é a própria representação da conjunção de interesses entre as instituições midiáticas e esportivas. Ao mesmo tempo em que há sinergias entre elas, existem sobreposições e descompasso de poderes de um campo sobre o outro (SPÀ, 1999). A negociação dos direitos de transmissão de eventos esportivos junto aos conglomerados midiáticos é um exemplo do exercício de poder econômico aplicado pelo campo midiático ao campo do esporte. Ou seja, ainda que as federações gerenciem e detenham poderio de decisão nos negócios midiático-esportivos, as empresas de mídia, ao investirem recursos financeiros no esporte, tornam-se sócias na gestão desse produto (PIRES, 2002; SANFELICE, 2010). De tal modo, portanto, nos últimos anos tem-se identificado uma tendência de desequilíbrio dos interesses midiáticos em detrimento dos interesses esportivos (SPÀ, 2007).

Atualmente, há em torno dos interesses esportivos uma complexidade de atores e agentes (cf. Figura 2 a seguir), que são construtores dos seus modos de ser e existir na sociedade globalizada (MARQUES; GUTIERREZ; MONTAGNER, 2009; GALATTI *et al.*, 2018; SPÀ, 2007). Cada um, por sua vez, possui uma parcela de responsabilidade acerca do caráter educativo e cultural do esporte.

Figura 2 – Esporte midiático na era digital

Fonte: SPÀ, 2007.

Atletas, treinadores, público, praticantes, bem como jornalistas e gestores, são responsáveis pela preservação, reconhecimento e disseminação de valores e símbolos esportivos. Entretanto, como aponta Spà (2007), os profissionais da mídia têm abdicado do seu papel, ou perdido a autonomia jornalística, para se tornarem vendedores do esporte, narrando e comentando-o de modo a priorizar os interesses econômicos do espetáculo. Em paralelo a isto, e também como consequência, as instituições administradoras possuem dificuldade e têm perdido poder na manutenção dos interesses esportivos, como por exemplo o excesso de competições esportivas e a definição de horários ruins para a prática do esporte, o que é prejudicial à saúde dos atletas. Frente a esse cenário, Spà (2007) sugere uma retomada política das entidades esportivas de modo a manter o equilíbrio do sistema midiático-esportivo e recolocar em prioridade a lógica do esporte em detrimento da lógica financeira-esportiva-midiática-comercial.

As assessorias de comunicação no contexto esportivo têm aparecido como a materialização da referida busca por equilíbrio ou correlação de forças das instituições administradoras do esporte junto às instituições midiáticas. Ao institucionalizarem divisões ou departamentos de comunicação, como, por exemplo, a *FIFA, TV Division* e

A participação das instituições esportivas na mediação da cobertura jornalística dos Jogos Paraolímpicos de 2016 - Silvan Menezes dos Santos; Josep Solves Almela; Doralice Lange de Souza – p. 235-261

a *Olympic Broadcasting Service* (OBS), as entidades esportivas têm incorporado a lógica midiática em suas estratégias de gestão e relacionamento com a mídia (BORGES, 2018, 2019). Tais setores e trabalhos de comunicação das organizações esportivas, além de mediarem o relacionamento com a mídia de massa, têm acompanhado e buscado a adaptação às novas demandas da midiatização no contexto da cultura digital, como as páginas em redes sociais e veiculação em streaming (FRANDSEN, 2016).

No atual contexto do esporte espetáculo, o valor adquirido pela imagem (MOSTARO, 2011) e pela reputação social e comercial das instituições (CEGALINI; ROCCO JUNIOR, 2019) provocou, fortemente, a demanda pelo cuidado minucioso com a comunicação por parte das entidades esportivas (clubes, federações, confederações, comitês, etc). Aliado a isso, a crise de credibilidade da informação com o crescimento do volume na internet e nas redes sociais, bem como a falta de tempo para aferição jornalística devido à celeridade da circulação online, também são fatores motivadores para a insurgência das assessorias de comunicação esportiva institucional (BORGES, 2019).

Sob a ótica da busca pela predominância da lógica esportiva no relacionamento entre as instituições do esporte e da mídia (SPÀ, 2007), a gestão da comunicação institucional por parte de clubes e federações tem se configurado como uma forma inibitória do trabalho jornalístico no contexto do esporte (MOSTARO, 2011). A exclusividade de acesso aos bastidores do esporte, bem como a preocupação com a identificação dos torcedores como potenciais consumidores do produto esportivo, se tornam formas de pautar a imprensa, com forte tendência às chamadas *soft news*, ou seja, notícias com conteúdo predominantemente emotivo e afetivo, como, por exemplo, a personificação do material informativo. Esse formato acaba exercendo uma forma de controle e bloqueio ao papel investigativo do jornalismo (BORGES, 2019).

A relação de proximidade, tanto espacial como operacional, destas assessorias de comunicação institucionais com os setores de marketing das entidades esportivas tem promovido a internalização da lógica comercial e midiática por parte da gestão do esporte. Esse processo, de algum modo, tem entrincheirado a informação esportiva de interesse público (BORGES, 2019), o que atrapalha, como afirma Gurgel (2009), o compromisso social e comunicativo com a cidadania por parte do jornalismo no âmbito

A participação das instituições esportivas na mediação da cobertura jornalística dos Jogos Paraolímpicos de 2016 - Silvan Menezes dos Santos; Josep Solves Almela; Doralice Lange de Souza – p. 235-261

do esporte. Além disso, tal tendência de mediação institucional da comunicação esportiva se apresenta como mais um aspecto contributivo para a entretenimização da informação nesse contexto, ou seja, para a produção do infotainment, que é predominante no conteúdo jornalístico do esporte (SANTOS; MEZZARROBA; SOUZA, 2017).

No caso do esporte paraolímpico, as instituições gestoras têm buscado um relacionamento diferenciado com a mídia. Elas têm trabalhado na transformação de conhecimentos científicos produzidos sobre o tema para o formato de guias. Em âmbito internacional, foram produzidos manuais com orientações para o trabalho jornalístico na cobertura do esporte para pessoas com deficiência (INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2014) e também dos Jogos Paralímpicos em específico (BRITISH PARALYMPIC ASSOCIATION, 2012). Esses dois exemplos são emblemáticos da tentativa de preservação da lógica esportiva frente à lógica midiática e comercial. Ao indicarem formas linguísticas e comportamentais para os jornalistas se referirem e valorizarem a identidade esportiva dos atletas com deficiência, os guias tentam conduzir a mídia para uma cobertura menos sensacionalista.

Uma abordagem diferente dessa mediação institucional foi identificada por Howe (2008), na edição dos Jogos Paralímpicos de 2004, conforme explicamos anteriormente. O autor identificou uma atuação do IPC junto aos jornalistas de modo a controlar e cercear a cobertura midiática de determinados temas polêmicos, de interesse público, que pudessem manchar a imagem e a reputação do movimento paraolímpico.

Em âmbito nacional, o CPB tem estabelecido uma relação de proximidade com jornalistas e instituições midiáticas (MIRANDA, 2011). Desde a sua criação, o comitê convidou e enviou jornalistas brasileiros para a cobertura de diversas edições dos JP, promoveu workshops para a formação destes profissionais na especificidade do esporte paraolímpico, comprou os direitos de transmissão do megaevento esportivo para o país enquanto não havia grupos midiáticos interessados em comprá-lo e tem desenvolvido um permanente trabalho de comunicação no seu site oficial, bem como nas suas páginas e perfis em redes sociais (SANTOS; FERMINO, 2016). Além disso, o CPB colocou a sua chancela e apoiou a distribuição de um guia produzido para a mídia (PAPPOUS; SOUZA, 2016), nos mesmos moldes dos citados anteriormente.

A participação das instituições esportivas na mediação da cobertura jornalística dos Jogos Paraolímpicos de 2016 - Silvan Menezes dos Santos; Josep Solves Almela; Doralice Lange de Souza – p. 235-261

Neste contexto nacional de entrelaçamento da mídia com o esporte paraolímpico, tem se investigado as formas finais da cobertura midiática, ou seja, os produtos midiáticos, sobretudo os conteúdos noticiosos acerca da manifestação esportiva (HILGEMBERG, 2014, 2016; FIGUEIREDO, 2014; POFFO *et al.*, 2017; SANTOS *et al.*, 2019). Neste estudo optamos por olhar o processo desta produção jornalística e, em específico, a mediação institucional das entidades gestoras do esporte paraolímpico junto a jornalistas que o cobriram durante os JP 2016.

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Esta pesquisa é inspirada nos estudos de *newsmaking* e *gatekeeping*. Possui caráter descritivo e exploratório, com abordagem qualitativa dos dados. Como afirma Wolf (1987, p. 201), “um dos resultados significativos deste âmbito de análises [de *newsmaking*] tem sido o de desideologizar a análise e o debate sobre as comunicações de massa em geral e sobre o setor da informação em particular”.

Realizamos 15 entrevistas com jornalistas e editores de diferentes grupos de mídia e jornais do país que cobriram os JP Rio/2016. Entrevistamos sete interlocutores que trabalharam por mídias com alcance nacional e oito por meios com alcance regional. Oito deles realizaram a cobertura *in loco*, ou seja, da cidade do Rio de Janeiro, e os outros sete realizaram-na direto da redação. Desses, seis eram funcionários de empresas detentoras de direitos de transmissão. Para apresentação dos dados mantivemos o anonimato dos interlocutores do estudo e preservamos as identidades deles utilizando nomes fictícios⁶.

As entrevistas ocorreram no período imediatamente posterior ao megaevento esportivo, entre 02/10/2016 e 21/11/2016, e tiveram duração média de uma hora. Desse total, oito entrevistas foram realizadas presencialmente e as outras sete foram feitas através do recurso de webconferência do software gratuito, Skype. Todas elas aconteceram a partir de um roteiro semiestruturado.

Na organização e análise dos dados recolhidos, utilizamos a técnica de análise do conteúdo (BARDIN, 2009). Portanto, apresentamos os dados (unidades de registro)

⁶ Este trabalho foi aprovado via projeto número 55300216.5.0000.0102 e parecer de aprovação número 1.574.202 do Comitê de Ética em Pesquisa da Saúde da Universidade Federal do Paraná.

relacionados às características e influências da mediação comunicativa das instituições esportivas paraolímpicas no processo de produção de notícias dos jornalistas durante os JP de 2016.

ACHADOS DA PESQUISA

De acordo com os jornalistas que realizaram a cobertura dos JP *in loco*, o IPC e a OBS (*Olympic Broadcasting Service*) disponibilizaram um portal de informações de acesso restrito aos jornalistas credenciados⁷. Este portal se caracterizou como o principal suporte informativo para a produção das notícias no dia-a-dia do megaevento. Segundo os jornalistas, o portal, denominado de *My Info*, fornecia dados sobre todos os atletas em competição, principalmente relacionados ao histórico do desempenho deles, às melhores marcas e à posição conquistada nas demais competições disputadas anteriormente.

ANTONIO: Não, impresso não. Hoje em dia é muito online né, então eu entrava no site e tinha o "my info", que era um site da organização, que tinha bastante informações dos atletas, das competições, ali tinha. Tinha, enfim... como que era a deficiência do atleta, tinha todo um... um site que a gente conseguia acessar.

VINICIUS: No site, que chamava "My Info", que eles disponibilizam pra emissoras credenciadas, eu conseguia pegar as start lists, e aí eu pegava dados sobre os atletas que tavam nas provas também. Então, assim, uma prova que ia nadar o Daniel Dias, claro minha intenção era falar do Daniel, mas eu pegava o atleta que tava na raia 5 e na raia 3 ali, que também tinham boas chances de medalha, eu conseguia pegar o histórico desse atleta, se ele já tinha medalha paraolímpica, como que tinha ido no Rio, histórico de mundiais desses caras. Então tinha material de atletas também não brasileiros, no my info, pra eu poder buscar pra complementar. Além de dados históricos também que eles tinham muita coisa.

FRANCISCO: Durante as competições também havia, online, o site com as informações do que acontecia nas diversas arenas, então ali nos ajudava também muito a direcionar. Então, por exemplo, você sabia que

⁷ Em busca pelo referido portal no site oficial do IPC, encontramos o "IPC Sport Data Management System". Este sistema permanente de gestão de dados esportivos do IPC possui funcionalidades semelhantes às mencionadas pelos interlocutores do estudo com relação ao *My Info*. Da mesma forma, como dito por eles, é um sistema de acesso restrito a pessoas ou instituições autorizadas pelo IPC. Disponível em: <https://db.ipc-services.org/sdms/app/login>. Acesso em: 9 jan. 2020.

A participação das instituições esportivas na mediação da cobertura jornalística dos Jogos Paraolímpicos de 2016 - Silvan Menezes dos Santos; Josep Solves Almela; Doralice Lange de Souza – p. 235-261

bom, o brasileiro ganhou a semifinal então ele vai disputar a final daqui a tantas horas. Então eu conseguia criar a logística ali pra me deslocar e pra tá no lugar, mas isso é praxe, todas as competições têm esses sites, não é nenhuma novidade.

As falas dos jornalistas Antonio, Vinicius e Francisco são convergentes no que se trata do suporte informativo proporcionado pelo sistema do IPC, o *My Info*. O sistema fornecia informações detalhadas sobre os atletas, a competição e o histórico das competições. Além disso, contribuía como suporte, sobretudo, por permitir acessar dados de atletas estrangeiros que estavam em disputa com os brasileiros, podendo qualificar assim a informação transmitida nas notícias. Ele possibilitava aos jornalistas se organizarem no dia-a-dia da competição, coletando ali dados para o trabalho de cobertura jornalística durante as sessões de competição. Como o *My Info* dava acesso às informações em tempo real, os jornalistas conseguiam também planejar a logística de deslocamento entre as arenas para a cobertura de provas e/ou atletas específicos.

O jornalista Francisco, por sua vez, revela que este não é um sistema específico dos JP. Segundo o jornalista, sistemas como este são ferramentas de suporte existentes em outras competições esportivas. Borges (2018), por exemplo, descreve e analisa um sistema de informações institucionais semelhante, fornecido pela FIFA (*Federation International Football Association*) aos jornalistas, durante a cobertura da Copa do Mundo de futebol masculino de 2018, na Rússia. O autor aponta, inclusive, que esta é uma forma de incorporação da lógica da mídia por parte da instituição esportiva, tornando-se ela própria organizadora e responsável pelas formas de transmissão do megaevento esportivo.

Apesar de não ser uma especialidade dos JP, o sistema se configurou como uma ferramenta de suporte relevante para os jornalistas na cobertura das especificidades dos JP. Outro relato do jornalista André exemplifica o tipo de suporte que ele pode fornecer no processo de produção de notícias.

ANDRÉ: E aí você perguntou do My info. O my info ele era um sistema assim, que eu pegava muito o que ia rolar no dia. Então, por exemplo, ia ter a prova do André Brasil. Eu não lembrava do desempenho do André Brasil naquela prova em 2008. Então o My info me permitia ter acesso a como é que ele foi, qual foi o tempo dele. Tinha os números das provas do André Brasil, dos 200 metros, de todas as vezes que ele disputou. Isso

A participação das instituições esportivas na mediação da cobertura jornalística dos Jogos Paraolímpicos de 2016 - Silvan Menezes dos Santos; Josep Solves Almela; Doralice Lange de Souza – p. 235-261

me ajudou, me ajudava, porque eu tinha que chegar lá e, por exemplo... Ele não foi tão bem, mas ele melhorou o tempo, vou falar com o atleta ao vivo, às vezes ele tá chateado, porque não conseguiu a classificação, não conseguiu a medalha, ele nem olha muito pra questão do tempo. Que postura na hora de perguntar? Você vai chegar e perguntar, “_Pow cara, o que deu errado hoje?”. O cara já tá revoltado, já tá chateado, você chega com uma pergunta, sabe... tem gente que faz isso, eu não acho que é legal, sabe? Eu acho até que é uma falta um pouco de respeito com o atleta... E mesmo que você vá fazer uma pergunta pra questionar porque que ele não foi bem , quando você tem dados pra embasar, você pergunta, fulano, você vinha fazendo o seu tempo na casa de 2,05 e dessa vez você fez na casa de 2,07 , onde que faltou esses dois segundos? Foi na tua saída, foi na tua chegada, foi na virada? Você tem o que questionar, é diferente de você chegar pro cara, o que é que deu errado? O cara vai falar, tudo! Que nem jogador de futebol!

A declaração do jornalista André reafirma a relevância de uma preparação em longo prazo e de um suporte informativo permanente, como o do *My Info*, para lidar com o volume e a diversidade de conteúdo que circunda um megaevento esportivo como os JP, tais como as marcas e recordes dos atletas e modalidades em competição. O fato de se ter acesso a informações que contribuem para uma melhor formulação das entrevistas com os atletas no momento pós-prova destaca a necessidade do papel comunicativo a ser exercido e mantido com perenidade pelas instituições esportivas, não só do esporte paraolímpico, mas do esporte de maneira geral.

Nessa situação, não tomamos como regra a perspectiva e a atitude jornalística relatada pelo jornalista André de como abordar o atleta, pois esta pode ser uma percepção estritamente relacionada à subjetividade e sensibilidade individual desse profissional. No entanto, podemos identificar nesse caso como a mediação comunicativa das entidades burocráticas do esporte pode ajudar na relação que se estabelece entre os profissionais do esporte e da mídia (atletas e jornalistas). Podemos visualizar também como a mediação institucional contribui para com as formas com que o próprio esporte pode vir a ganhar visibilidade midiática e social.

No sentido da relevância de um suporte informativo como o *My Info*, o jornalista Vinicius o caracteriza como um elemento que compôs o processo de produção das notícias sobre os JP, contribuindo para tornar a cobertura jornalística mais didática.

A participação das instituições esportivas na mediação da cobertura jornalística dos Jogos Paraolímpicos de 2016 - Silvan Menezes dos Santos; Josep Solves Almela; Doralice Lange de Souza – p. 235-261

VINICIUS: Bom, acho que o que facilitou foi esse sistema que a gente tinha, o My Info, ele é atualizado em tempo real assim, então tava rolando uma prova de natação, de 400m, eu tinha na batida dos 50, 100, 150, a posição de todos os atletas, então esse é um sistema fundamental, que ajuda demais a transmissão. Essa pré-produção também ajuda bastante. Ver os detalhes das modalidades, o que são, as especificidades das classes, isso ajudou muito para a transmissão, porque isso aí dá um suporte para tentar manter o tom da transmissão, para que seja uma transmissão que tenha a emoção do esporte e tal, que tenha isso, mas que seja didática também, sem ser aquele didático parecendo que tá dando aula de modalidade, chato e tal. Que ela seja informativa e também de entretenimento. Acho que a transmissão esportiva ela precisava ter isso. Então esse material de suporte, ele ajudava muito pra isso, uma coisa que ajudou muito.

O relato do jornalista Vinicius reitera como o suporte informativo fornecido pelas instituições burocráticas do esporte paraolímpico - nesse caso colaborando para o entendimento das especificidades das classes dos atletas - em conjunção ao exercício profissional do jornalista, voltado prioritariamente à preocupação informativa de esclarecer o público, nos permite retomar o papel formativo e socializador da mídia para com o esporte paraolímpico no âmbito da cultura esportiva. Ao menos do ponto de vista do discurso do jornalista, a associação do suporte informativo institucional do esporte (paraolímpico) com a visão jornalística de não só entreter, mas, sobretudo, de informar o público, é um quadro que se apresenta como possibilidade de superação do processo de semiformação esportiva, causado pela mercadorização e espetacularização do esporte (PIRES, 2002)⁸.

⁸ Semiformação esportiva é o resultado dos procedimentos midiáticos com relação ao âmbito esportivo que “faz da cultura esportiva conformada pela indústria midiática uma cultura desencarnada, desprovida do potencial crítico-reflexivo que caracteriza a formação cultural autêntica” (PIRES, 2002, p. 102). Em síntese, o autor caracteriza o estágio de midiática e espetacularização da cultura esportiva como meio de promoção da semiformação cultural do esporte pelo fato deste modelo esportivo massificado pela indústria midiática se configurar por uma representação fragmentária do fenômeno esportivo como um tipo de manifestação social. Tanto nas suas estratégias de veiculação imagética, como na construção das narrativas textuais, a mídia enquadra no discurso midiático e procura valorizar do esporte, por exemplo, as dimensões dos ídolos, das vitórias, das conquistas, do sucesso esportivo e financeiro dos atletas, tudo isso em detrimento de fazer um retrato midiático-esportivo ampliado que enquadre as mazelas e problemas também inerentes a este âmbito esportivo, tais como as desigualdades salariais entre atletas, os casos de corrupção na gestão burocrática do esporte, o tratamento e a situação dos torcedores no acesso aos estádios e arenas de disputa, entre outros tantos elementos sociais e críticos deste contexto. Para o autor, portanto, estas são algumas características que conformam o esporte midiático como semicultura esportiva pois: “i) serve aos interesses ideológicos de ocupação e controle do tempo livre dos trabalhadores pela indústria cultural; ii) oblitera o canal crítico de que poderia se revestir o esporte enquanto formação cultural, privilegiando apenas o pólo adaptativo; e iii) reproduzida na educação, pelo

A participação das instituições esportivas na mediação da cobertura jornalística dos Jogos Paraolímpicos de 2016 - Silvan Menezes dos Santos; Josep Solves Almela; Doralice Lange de Souza – p. 235-261

Em primeiro lugar, de acordo com o relato dos jornalistas, o suporte do *My Info* se configurou como uma relevante ferramenta fornecida pelas instituições do esporte paraolímpico – mas não só dele –, que instrumentalizou com conteúdo informativo a relação de copresença – tal como o tipo de relação defendida por Gumbrecht (2010) – que o jornalista estabeleceu com o esporte e com os atletas paraolímpicos. O *My Info* foi uma ferramenta que ajudou, principalmente, no processo de produção de entrevistas e, conseqüentemente, na produção das notícias sobre os JP. Em segundo lugar, o referido sistema se apresentou como contributo para o esclarecimento dos jornalistas sobre as especificidades do esporte paraolímpico, como as classificações dos atletas, por exemplo, permitindo, assim, que eles desenvolvessem o processo de produção de notícias sobre os JP de maneira didática.

A perspectiva dos jornalistas André e Vinicius apresenta um caráter crítico da narrativa midiática do esporte, que contraria características corriqueiras do esporte da mídia, no qual se prioriza a emoção do espetáculo esportivo em detrimento dos elementos racionais que o compõem (BETTI, 2001). Essa é uma percepção sobre o modo de se narrar o esporte (paraolímpico) que, caso materializada no produto final - na notícia -, permite ao consumidor decidir de maneira autônoma a forma de se relacionar com o fenômeno esportivo. Desse modo, o jornalismo esportivo abre a possibilidade de o consumidor se relacionar e se fascinar pelo esporte, conforme aponta Gumbrecht (2007), tanto por uma via de atitude analítica dele, como pelo envolvimento emocional provocado por ele, ou até mesmo por meio das duas opções. Segundo o autor, essa é uma forma de lidar com o esporte, que valoriza a experiência estética proporcionada por ele, que não inibe a sua dimensão política e social, e que valoriza, sobretudo, a autonomia subjetiva do modo como o consumidor queira estabelecer a relação social com o fenômeno esportivo.

Podemos considerar, diante do quadro descrito, o suporte informativo do *My Info* como elemento instrumental e crítico - a depender dos usos jornalísticos que se faça - que se evidenciou como aporte das instituições burocráticas do esporte paraolímpico ao processo de produção de notícias sobre os JP. Um suporte informativo que proporcionou condições qualificadas para a cobertura dos Jogos e influenciou

seu caráter dogmático de mistificação das massas, a (semi)cultura esportiva hipostasia o potencial emancipatório daquela, como um anti-iluminismo” (PIRES, 2002, p. 107).

A participação das instituições esportivas na mediação da cobertura jornalística dos Jogos Paraolímpicos de 2016 - Silvan Menezes dos Santos; Josep Solves Almela; Doralice Lange de Souza – p. 235-261

diretamente nas possibilidades dos modos de agir dos jornalistas na rotina produtiva durante o megaevento. Esse pode ser um exemplo de como a mediação de instituições que representam o esporte pode interferir positivamente na mediação técnica realizada pela mídia através do jornalismo esportivo. Essa é uma forma de mediação comunicativa, que subverte, em parte, a hegemonia da lógica midiática e comercial na relação estabelecida entre a mídia e o esporte (SPÀ, 2007; SANFELICE, 2010). Esse tipo de mediação pode também impactar diretamente no tipo do processo de socialização do esporte paraolímpico.

O suporte concedido por determinadas entidades esportivas, segundo os jornalistas, configurou-as como fontes de informação no processo de produção de notícias sobre os JP. A atualização permanente dos sites e das redes sociais de instituições como o IPC, o CPB, o Comitê Organizador Rio/2016 e as federações e associações esportivas paraolímpicas, serviu aos jornalistas como espaço de consultas com confiabilidade, que compôs a rotina produtiva da cobertura noticiosa dos JP.

FRED: Eu usei bastante foto do [...] CPB né? Usei bastante fotos deles porque eles tinham o Flickr lá deles que conseguia atender bastante, entendeu? Antes das Agências disponibilizarem algum tipo de foto, nas fotos eu usei mais a France e o próprio CPB também que tinha essa divulgação deles, fotos boas inclusive, que deu pra utilizar também...

MARIANA: Assim, o melhor... a melhor fonte, tanto em olimpíada quanto em parolimpíada, na minha opinião, foi o site do Rio/2016. Achei um site supercompleto, eles traziam todos... todas as modalidades, né? Tinha explicação... explicava as regras de cada modalidade paralímpica. Curiosidades de cada modalidade, todas as categorias... depois, tinha durante a competição, eles tinham aquele tempo real que tu conseguia ver absolutamente tudo que tava acontecendo na hora.

ÍCARO: Em grandes eventos assim, normalmente os sites são bem, bem atualizados assim. O site do Comitê Paralímpico e do Comitê Olímpico são bons assim, são atualizados, e especialmente pra imagens é muito importante pra gente. Eles são muito ágeis e têm uma gama de... disponibilizam uma gama de fotos pra gente muito grande. A gente foi sem fotógrafo para a paraolimpíada, então a gente precisava disso. Também tem uma questão assim, que o Antonio era um só e tinha um monte de competições rolando. Ele não tinha como acompanhar tudo que tava acontecendo e a gente tinha que dar no jornal várias coisas que estava acontecendo e ele não tava acompanhando. E aí a gente acompanha com os sites oficiais, com agências de notícias que a gente

A participação das instituições esportivas na mediação da cobertura jornalística dos Jogos Paraolímpicos de 2016 - Silvan Menezes dos Santos; Josep Solves Almela; Doralice Lange de Souza – p. 235-261

contrata aqui, e conta com esse serviço das fotos que são disponibilizadas.

ANTONIO: Eu buscava muito nas fontes oficiais dos organizadores né, Comitê Paralímpico, Rio/2016, pra não ter muito erro né, direto em fontes oficiais assim.

Conforme se pode verificar acima, o editor Fred menciona o perfil do CPB na rede social *Flickr* como fonte de conteúdo fotográfico. A editora Mariana cita o portal do Rio/2016 como fonte de consulta sobre as regras das modalidades, curiosidades, classificações e acontecimentos que ocorriam nos JP em tempo real. O jornalista Ícaro reforça a importância do conteúdo informativo destes sites diante das limitações de produção do único jornalista que foi enviado pelo jornal para a cobertura *in loco* dos Jogos, transformando-se, assim, em fontes fotográficas e de informações gerais do dia-a-dia do megaevento. De acordo com o jornalista Antonio, o caráter oficial destas fontes dava a ele segurança para não incorrer ao erro durante a produção das notícias. Esses relatos reforçam a importância da mediação comunicativa realizada pelas entidades esportivas. Nesse caso, as fontes citadas pelos jornalistas são o CPB e o Comitê Organizador Rio/2016. Eles também denotam a confiança dos jornalistas nestas fontes institucionais de informação.

A busca dos jornalistas entrevistados por informações e conteúdos nos sites e páginas oficiais do esporte paraolímpico e dos JP coaduna com uma tendência existente na cultura jornalística. Conforme aponta Wolf (1987), as fontes institucionais normalmente são as selecionadas pelos produtores das notícias. Segundo o autor, o principal motivo/interesse para essa preferência e seleção dos jornalistas é a capacidade que tais fontes têm de fornecerem informações confiáveis. Além da autoridade, confiança e credibilidade que essas instituições oficiais transmitem para uma busca por informação, a manutenção da produção de conteúdo é outro elemento fundamental para que elas se tornem fontes regulares dos jornalistas. A perenidade produtiva das fontes institucionais as faz prevalecer junto aos jornalistas, pois elas “fornecem materiais suficientes para confeccionar as notícias, permitindo assim aos aparatos [mídias e jornalistas] não terem que se dirigir a mais fontes para obter os dados ou os elementos necessários” (WOLF, 1987, p. 257). Além dessa suficiência de informações, podemos deduzir outros fatores para tal prevalência dessas fontes, como, por exemplo, a

A participação das instituições esportivas na mediação da cobertura jornalística dos Jogos Paraolímpicos de 2016 - Silvan Menezes dos Santos; Josep Solves Almela; Doralice Lange de Souza – p. 235-261

economia de recursos e a praticidade para a busca pela informação no trabalho jornalístico.

De acordo com os dados relatados pelos interlocutores do estudo, ao manterem os sites e os perfis em redes sociais atualizados, com informações gerais e específicas sobre o esporte, sobre os atletas e sobre os JP, com conteúdo sendo veiculado em tempo real, as instituições esportivas paraolímpicas garantiram a confiabilidade e a perenidade produtiva para se consolidarem como fontes oficiais de informação jornalística nesse contexto. Este é um modo de operar das entidades esportivas paraolímpicas que vai além do papel burocrático comumente exercido pelas instituições esportivas, entre elas Comitês e Confederações. No entanto, ao se posicionarem também como fonte de informações oficiais para os jornalistas na cobertura dos JP, o CPB e o Comitê Rio/2016 não só podem ter garantido um padrão mínimo de qualidade informativa a ser veiculado sobre o esporte e os atletas paraolímpicos, como também podem ter conquistado uma forma de poder entre os diferentes fatores e agentes que, segundo Wolf (1987), compõem a correlação de forças das negociações existentes em todo e qualquer processo de produção de notícias.

Pela ótica do jornalismo investigativo e da importante pluralidade de perspectivas para a garantia da qualidade da informação e da comunicação social na produção jornalística (WOLTON, 2011), a interferência e a produção de conteúdo informativo por parte das instituições esportivas colocam-se como um imbróglgio ambíguo a ser discutido. Ao mesmo tempo em que a produção das instituições se mostra relevante para os jornalistas no quesito da credibilidade e confiabilidade das informações, consultas restritas às fontes oficiais limitam abordagens críticas e alternativas nos discursos midiático-esportivos (MOSTARO, 2011; BORGES, 2018, 2019). Assim, pode-se inibir a investigação jornalística de questões polêmicas deste universo esportivo, tais como o *doping* e a classificação dos atletas, como foi identificado por Howe (2008). Nesse sentido, é relevante a produção de conteúdo informativo por parte das instituições esportivas como forma de proteção ao esporte. Todavia, o jornalismo esportivo não pode se abster de exercer o seu papel investigativo e de se utilizar de seu direito de liberdade de expressão para produzir notícias que atendam, sobretudo, ao interesse público.

A participação das instituições esportivas na mediação da cobertura jornalística dos Jogos Paraolímpicos de 2016 - Silvan Menezes dos Santos; Josep Solves Almela; Doralice Lange de Souza – p. 235-261

Apesar da predominância de consulta aos sites oficiais das instituições esportivas paraolímpicas, relatos dos jornalistas revelaram algumas ocasiões em que a fonte de conteúdo informativo para a composição das notícias foi a plataforma de busca do Google. O jornalista Antonio e o jornalista Ícaro, contradizendo os relatos anteriores, mencionaram a realização de buscas na referida plataforma, correndo os devidos riscos de incorrer ao erro informativo frente à diversidade de conteúdos ali existentes e à necessidade de filtragem para a identificação de fontes confiáveis.

ANTONIO: Comitê Paralímpico e no Rio/2016, que é um site que tem, e o Comitê Paralímpico mesmo. Larguei muita coisa em Google também, não vou mentir, larga no Google, procura algumas coisas, daí entrava matérias de várias fontes, daí tem que selecionar fontes confiáveis assim, pra se inteirar né?

ÍCARO: Assim, tem uma parte de pesquisa... que aí a internet nos ajuda assim né, de pesquisar em veículos de imprensa confiáveis, que muitas vezes são histórias que já tão rolando aí em outros veículos. Sair atrás, ver o que tá se dizendo sobre aquele assunto, enfim, e especialistas né? Aí é que a gente barrava nessa dificuldade. Ouvir pessoas especialistas que pudessem fazer com que a gente fosse além. A gente teve essa matéria do patrocínio, por exemplo, a gente conseguiu uma resposta por escrito do COI, sobre a carta olímpica que proíbe patrocínio nas arenas da olimpíada. Aí a partir dessa a gente foi pesquisar... eu pesquisei a carta olímpica e a carta paraolímpica, pra pinçar os trechos que, na carta olímpica, proibiam patrocínio e a carta paralímpica permitiu, né. Aí claro, é uma questão, uma apuração que é simplesmente de Google. Não é o melhor jeito de se conseguir informações e tal [...] E se tu achou com uma pesquisa de Google, qualquer outra pessoa pode achar, né.

Bitencourt *et al.* (2008) também identificaram casos em que os jornalistas esportivos realizaram buscas no Google para composição e complementação de informações no processo de produção das notícias. Para os autores, isso pode representar a pouca seriedade, a falta de critérios de qualidade e confiabilidade, ou até mesmo o despreparo dos profissionais como características concernentes à cultura do jornalismo esportivo. Ainda que os dois interlocutores do nosso estudo tenham mencionado o buscador do Google como fonte, ambos demonstraram preocupação e cuidado com a confiabilidade das informações procuradas por eles nesse universo informativo, não nos permitindo associá-los diretamente às características do jornalismo esportivo apontadas por Bitencourt *et al.* (2008).

A participação das instituições esportivas na mediação da cobertura jornalística dos Jogos Paraolímpicos de 2016 - Silvan Menezes dos Santos; Josep Solves Almela; Doralice Lange de Souza – p. 235-261

Os relatos dos interlocutores de nosso estudo confirmam a relevância do posicionamento das instituições esportivas paraolímpicas como fontes de informações oficiais para a cobertura jornalística, mediando o processo comunicativo acerca dos JP. Eles também revelam o risco de a midiaticização do esporte paraolímpico estar ocorrendo permeada pelas fragilidades dessa cobertura, que desqualificam e empobrecem a representação social do esporte no âmbito da cultura.

De acordo com alguns de nossos participantes, além de se basearem nas fontes oficiais e no Google, eles também se basearam em outras fontes jornalísticas tais como o jornal Folha de São Paulo.

LUIZ: Acho que o próprio site do Comitê Paralímpico tinha algumas coisas, né? O oficial da competição também. Tinha também. A Folha de São Paulo fez um guia bem legal, com as especificações de cada modalidade, é... de cada categoria, mostrando as diferenças, enfim, explicando porque uma se encaixava em uma categoria. Então assim, esses sites aí deram para a gente procurar assim, deu para ter um conhecimento um pouco melhor.

A característica de jornalistas se pautarem e/ou utilizarem como fontes outros jornalistas ou outros jornais é denominada por Bourdieu (1997) como circularidade circular da informação. O autor afirma que a informação jornalística é produto de um círculo vicioso de difusão no qual os jornalistas e os jornais vão se pautando entre si por consequência de dois aspectos. O primeiro é pela homogeneização que a falsa concorrência dos jornais promove, pois "ela se exerce entre jornalistas ou jornais que estão sujeitos às mesmas restrições, às mesmas pesquisas de opinião, aos mesmos anunciantes" (BOURDIEU, 1997, p. 31). O segundo é devido:

[...] ao fato de os jornalistas, que, de resto, têm muitas propriedades comuns, de condição, mas também de origem e de formação, lerem-se uns aos outros, verem-se uns aos outros, encontrarem-se constantemente uns com os outros nos debates em que se reveem sempre os mesmos, tem efeitos de fechamento e, não se deve hesitar em dizê-lo, de censura tão eficazes (BOURDIEU, 1997, p. 34).

A recorrência da “circularidade circular da informação” na cobertura do esporte paraolímpico, conforme situação mencionada pelos jornalistas Ícaro e Luiz, reforça a

A participação das instituições esportivas na mediação da cobertura jornalística dos Jogos Paraolímpicos de 2016 - Silvan Menezes dos Santos; Josep Solves Almela; Doralice Lange de Souza – p. 235-261

tese da sobreposição da lógica midiática sobre o esporte (SPÀ, 2007; SANFELICE, 2010). Nesse sentido, a rotinização produtiva dos jornalistas nos JP, baseada nessa circularidade, pode colocar o esporte paraolímpico em um círculo vicioso de narrativas noticiosas, sem a investigação jornalística devida e necessária para a ampliação do espectro sociocultural a se constituir em torno do fenômeno esportivo (paraolímpico).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados do presente estudo nos permitem destacar a relevância da mediação comunicativa das instituições esportivas paraolímpicas na composição do processo de produção de notícias sobre os JP/2016. No universo de correlação de forças existente em qualquer cobertura jornalística e, sobretudo, no caso de um megaevento esportivo permeado por interesses comerciais como esse, a produção de conteúdo informativo por parte das instituições esportivas por meio da permanente atualização dos seus sites e redes sociais, se configurou como forma potencial de garantir uma mínima qualidade e diversidade de informações sobre o fenômeno esportivo paraolímpico.

Os serviços de fonte de informação institucional prestados para a produção de notícias sobre os JP apareceram como uma forma de contra tendência à sobreposição dos interesses midiáticos aos interesses esportivos. Ao menos no que se trata do conteúdo informativo disponibilizado para os jornalistas, a mediação comunicativa propiciada pelas instituições esportivas forneceu subsídios para uma produção jornalística mais completa do esporte paraolímpico e para uma veiculação de informações mais didática, que fossem de melhor compreensão do público interessado.

Em contraponto a esses aspectos citados anteriormente, identificamos que, por vezes, as entidades paraolímpicas têm se configurado quase como editoras do conteúdo noticioso produzido, o que pode ser prejudicial para a veiculação de informações críticas acerca da manifestação esportiva. A institucionalidade da informação paraolímpica pode se configurar como um obstáculo para o papel investigativo do jornalismo e para a veiculação do esporte como fenômeno cultural. De toda forma, ainda que tal estratégia aparente ser uma alternativa para o equilíbrio de forças do campo esportivo com relação ao campo midiático, fazendo predominar a lógica

A participação das instituições esportivas na mediação da cobertura jornalística dos Jogos Paraolímpicos de 2016 - Silvan Menezes dos Santos; Josep Solves Almela; Doralice Lange de Souza – p. 235-261

esportiva, ao mesmo tempo ela não pode se configurar como uma forma de as instituições gestoras do esporte represarem informações sobre o fenômeno com o intuito de proteção de marcas e produtos em detrimento do interesse público.

Com este estudo detalhamos, por um lado, o caráter instrumental da mediação institucional das organizações esportivas junto ao processo de midiática do esporte paraolímpico. A disponibilização de um sistema de informações e de dados esportivos, como o *My Info* citado pelos interlocutores da pesquisa, bem como a permanente produção e atualização de releases nos sites oficiais, são exemplos de como esse trabalho das entidades esportivas são instrumentos importantes da produção jornalística. Neste caso em questão, a internalização da lógica midiática nas instituições esportivas se configurou como uma forma de qualificação da informação paraolímpica. Contudo, esse dado revela a necessidade de preservação e de respeito para com as dimensões crítica e produtiva do jornalismo esportivo, de modo que a mediação das instituições gestoras do esporte não acarrete em influências e em determinações político-comerciais-ideológicas na construção e circulação da cultura esportiva.

Um dos limites da nossa investigação é a falta de dados sobre o conteúdo jornalístico produzido pelos interlocutores participantes da pesquisa. O recolhimento deste material contribuiria para uma melhor compreensão e esclarecimento sobre a participação das instituições esportivas paraolímpicas na mediação da produção dos jornalistas. Desta forma, para continuidade e aprofundamentos dos estudos neste tema do relacionamento das entidades gestoras do esporte com a mídia, sugerimos o desenvolvimento de pesquisas que correlacionem procedimentos metodológicos. Um modo de operacionalizar isso é associar entrevistas com profissionais da mídia e análises dos conteúdos midiáticos produzidos por eles. Outra via possível é a pesquisa-ação, formato em que o processo de mediação institucional junto aos jornalistas esportivos pode ocorrer de maneira formal e planejada, para depois buscar-se identificar o impacto desse processo formativo no trabalho jornalístico destes profissionais.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BETTI, M. **Janela de vidro**: esporte, televisão e educação física. Campinas: Papyrus, 1998.

BETTI, M. Esporte na mídia ou esporte da mídia? **Motrivivência**, Santa Catarina, n. 17, p. 1–3, 2001.

BITENCOURT, F. G. *et al.* O jornalismo esportivo no Jasc/2007: um olhar antropológico. In: PIRES, G. D. L. (Org.). **Observatório da mídia esportiva**: a cobertura jornalística dos jogos abertos de Santa Catarina. Florianópolis: Nova Letra, 2008. p. 59–74.

BORGES, F. V. Ao vivo direto da Rússia: a Copa do Mundo formatada para televisão. **Fulia**, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, 2018.

BORGES, F. V. Os clubes de futebol e novas formas de produzir a informação desportiva. **Mediapolis**, Coimbra, n. 8, p. 119–133, 2019.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRITISH PARALYMPIC ASSOCIATION. **Guide to reporting on Paralympic Sport**. Reino Unido: ParalympicsGB, 2012. Disponível em: http://paralympics.org.uk/uploads/documents/imported/ParalympicsGB_Guide_to_Reporting_on_Paralympic_Sport_-_June_2012.pdf. Acesso em: 20 fev. 2018.

CEGALINI, V. L.; ROCCO JR, A. Comunicação corporativa e gerenciamento de reputação em organizações esportivas. **Comunidade e Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 41, n. 2, p. 85–117, 2019.

FIGUEIREDO, T. H. Gênero e deficiência – uma análise da cobertura fotográfica dos Jogos Paralímpicos de 2012. **Estudos em jornalismo e mídia**, Santa Catarina, v. 11, n. 2, p. 484–497, 2014.

FIGUEIREDO, T. H. A voz dos atletas: mídia e Jogos Paralímpicos no Brasil. **Mediapolis**, Coimbra, v. 8, p. 85–99, 2019.

FRANSEN, K. Sports organizations in a new wave of mediatization. **Communication and Sport**, v. 4, n. 4, p. 385–400, jan. 2016.

GALATTI, L. R. *et al.* Esporte contemporâneo: perspectivas para a compreensão do fenômeno. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 22, n. 3, p. 115–127, 2018.

GOLDEN, A. V. An analysis of the dissimilar coverage of the 2002 Olympics and A participação das instituições esportivas na mediação da cobertura jornalística dos Jogos Paraolímpicos de 2016 - Silvan Menezes dos Santos; Josep Solves Almela; Doralice Lange de Souza – p. 235-261

Paralympics: Frenzied Pack Journalism versus the Empty Press Room. **Disability Studies Quarterly**, Columbus, v. 23, n. 3/4, p. 1689–1699, 2003.

GUMBRECHT, H. U. **Elogio da beleza atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUMBRECHT, H. U. **Produção de presença**: o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

GURGEL, A. Desafios do jornalismo na era dos megaeventos esportivos. **Motrivivência**, Florianópolis, v. XXI, n. 32/33, p. 193–210, 2009.

HILGEMBERG, T. Do coitadinho ao super-herói representação social dos atletas paraolímpicos na mídia brasileira e portuguesa. **Ciberlegenda**, Niterói, n. 30, p. 48–58, 2014.

HILGEMBERG, T. Smile for the camera: photographic analysis of 2012 Paralympic Games media coverage in Brazilian newspapers. **Journal of Sport Science and Physical Education**, n. 70, p. 13–21, 2016.

HOWE, P. D. From inside the newsroom: Paralympic Media and the ‘Production’ of Elite Disability. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 43, n. 2, p. 135–150, 2008.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. **Guide to reporting on persons with an impairment**. Bonn: International Paralympic Committee, 2014. Disponível em:
https://www.paralympic.org/sites/default/files/document/141027103527844_2014_10_31+Guide+to+reporting+on+persons+with+an+impairment.pdf. Acesso em: 13 abr. 2020.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. **Strategic plan 2015 to 2018: strategic outlook for the International Paralympic Committee**. Bonn: IPC, 2015.

MARCHI JUNIOR, Wanderley. **“Sacando” o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000)**. 2001. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. 267 p.

MARQUES, R. F. R. *et al.* A abordagem midiática sobre o esporte paralímpico: o ponto de vista de atletas brasileiros. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 989–1015, 2014.

MARQUES, R. F. R. *et al.* A abordagem mediática sobre o desporto paralímpico: perspectivas de atletas portugueses. **Motricidade**, Ribeira de Pena, v. 11, p. 123–147, 2015.

MARQUES, R. F. R. A contribuição dos Jogos Paralímpicos para a promoção da A participação das instituições esportivas na mediação da cobertura jornalística dos Jogos Paraolímpicos de 2016 - Silvan Menezes dos Santos; Josep Solves Almela; Doralice Lange de Souza – p. 235-261

inclusão social: o discurso midiático como um obstáculo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, n. 108, p. 87–96, 2016.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L. **O esporte paralímpico no Brasil: profissionalismo, administração e classificação de atletas**. São Paulo: Phorte, 2014.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; MONTAGNER, P. C. Novas configurações socioeconômicas do esporte na era da globalização. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 20, n. 4, p. 637–648, 2009.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MEZZARROBA, C.; PIRES, G. D. L. Breve panorama histórico do voleibol: do seu surgimento à espetacularização esportiva. *Atividade Física, Lazer & Qualidade de Vida: Revista de Educação Física*, Manaus, v. 2, n. 2, p. 3–19, 2011.

MIRANDA, T. J. **Comitê Paralímpico Brasileiro: 15 anos de história**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2011.

MOSTARO, F. F. R. Assessoria de imprensa de clubes x jornalismo esportivo: o reflexo das assessorias na cobertura esportiva. *In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DOS ESTUDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO*, 14., 2011, Juiz de Fora. **Anais [...]**. Rede Folkcom, 2011.

PAPPOUS, A. *et al.* La representación mediática del deporte adaptado a la discapacidad en los medios de comunicación. **Ágora para la EF y el Deporte**, Valladolid, n. 9, p. 31–42, 2019.

PAPPOUS, A.; SOUZA, D. L. DE. **Guia para a mídia: Como cobrir os Jogos Paralímpicos Rio 2016**. Brasília: University of Kent / Universidade Federal do Paraná, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/305723994_Guia_para_Midia_Como_cobrir_os_Jogos_Paralimpicos_Media_Guide_How_to_cover_the_Rio_2016_Paralympic_Games. Acesso em: 13 abr. 2020.

PIRES, G. D. L. **A Educação Física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória**. Ijuí: Unijuí, 2002.

POFFO, B. N. *et al.* Mídia e jogos paralímpicos no Brasil: investigando estigmas na cobertura jornalística da Folha de S. Paulo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 4, p. 1353–1366, 2017.

SANFELICE, G. R. Campo midiático e campo esportivo: suas relações e construções simbólicas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 31, n. 2, p. 137–153, mar. 2010.

A participação das instituições esportivas na mediação da cobertura jornalística dos Jogos Paraolímpicos de 2016 - Silvan Menezes dos Santos; Josep Solves Almela; Doralice Lange de Souza – p. 235-261

SANTOS, S. M. Dos. Mídia, esporte e cultura esportiva: um ensaio com a teoria das mediações culturais de Jesús Martín-Barbero. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 8, n. 17, p. 175–190, 2015.

SANTOS, S. M. DOS et al. Mídia e jogos paralímpicos no Brasil: a cobertura da Folha de S.Paulo entre 1992 e 2016. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 190-197, 2019.

SANTOS, S. M. DOS; FERMINO, A. L. A identidade esportiva dos atletas com deficiência: um estudo da cobertura fotográfica no instagram do Comitê Paralímpico Brasileiro. **Cadernos de Educação, Tecnologia e Sociedade (CETS)**, Inhumas, v. 9, n. 3, p. 319–336, 2016.

SANTOS, S. M. DOS; MEZZARROBA, C.; SOUZA, D. L. DE. Jornalismo esportivo e infotimento: a (possível) sobreposição do entretenimento à informação no conteúdo jornalístico do esporte. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 21, n. 2, p. 93–106, 2007.

SILVA, C. F.; HOWE, P. D. The (in)validity of supercrip representation of paralympian athletes. **Journal of Sport & Social Issues**, v. 36, n. 2, p. 174–194, 2012.

SOLVES, J. *et al.* Framing the Paralympic Games: A Mixed-Methods Analysis of Spanish Media Coverage of the Beijing 2008 and London 2012 Paralympic Games. **Communication and Sport**, v. 7, p. 729-751, out. 2018.

SPÀ, M. De M. Comunicación y deporte en la era digital: sinergias, contradicciones y responsabilidades educativas. **Contratexto**, Lima, v. 12, p. 73–92, 1999.

SPÀ, M. De M. Comunicación y deporte en la era digital. *In*: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE INVESTIGACIÓN SOCIAL APLICADA AL DEPORTE (AEISAD), 9., 2007, Las Palmas de Gran Canaria. **Anais [...]**. Centre d'Estudis Olímpics UAB, 2007. Disponível em: http://olympicstudies.uab.es/pdf/wp107_spa.pdf. Acesso em: 20 fev. 2018.

WOLF, M. **La investigación de la comunicación de masas: crítica y perspectivas**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1987.

WOLTON, D. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

Recebido em: 03/02/2020 Aprovado em: 02/04/2020
--

A participação das instituições esportivas na mediação da cobertura jornalística dos Jogos Paraolímpicos de 2016 - Silvan Menezes dos Santos; Josep Solves Almela; Doralice Lange de Souza – p. 235-261